





Casa de Bonecas, de Petronella Oortman,
anônimo, c. 1686–c. 1710,
The Rijksmuseum, Amsterdão

Casa de Bonecas¹, de Petronella Ootman, abóçimo, c. 1686-c. 1710, The Rijksmuseum, Amesterdão.

¹ *Cabinet house* — casa em miniatura, montada dentro de um armário ou vitrina, em muitos casos réplica em miniatura da casa do proprietário. Não é um brinquedo, mas resulta de um passatempo dispendioso, elaborado com os mesmos materiais da casa original. (NT)

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Miniaturist*

Autora: *Jessie Burton*

Copyright © 2014 by Perdu & Pilgrim Ltd.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Catarina F. Almeida*

Design da capa: *Katie Tooke*

Cobertura do modelo e fotografia de: www.andersson.com

Composição: *Miguel Trindade*

Impressão e acabamento: *Multitipo - Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 387 280/15

1.ª edição, Lisboa, fevereiro, 2015

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Entrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcelos

info@presenca.pt

www.presenca.pt

A sigla VOC refere-se à Companhia Neerlandesa das Índias Orientais, em neerlandês *Vereenigde Oost-Indische Compagnie* (a VOC). A VOC foi fundada em 1602 e geria uma frota de centenas de navios, que transportavam mercadorias entre África, Europa, Ásia e o arquipélago indonésio.

Em 1669, a VOC tinha 50 000 empregados, 60 *bewindhebbers* (sócios) e 17 regentes. Em 1671, as ações da VOC na Bolsa de Valores de Amsterdão atingiam 570% do seu valor nominal.

Devido às condições agrícolas favoráveis e ao poder financeiro da República das Províncias Unidas dos Países Baixos, dizia-se que as populações pobres locais se alimentavam muito melhor que os pobres na Inglaterra, Itália, França e Espanha. Os ricos eram os que entre todos se alimentavam melhor.

Saqueai a prata, saqueai o ouro, porque não tem termo
o provimento,
abastança há de todo o género de móveis apetecíveis.

Nasim 2: 9³

E, saindo ele do templo, disse-lhe um dos seus discípulos:
Mestre, olha que pedras, e que edifícios!
E, respondendo Jesus, disse-lhe: Vês estes grandes edifícios?
Não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada.

Marcos 13: 1-2

*(Todos os excertos foram retirados de passagens sublinhadas
na Bíblia da família Brandt.)*

³ Para todas as citações bíblicas, utilizou-se a tradução de João Ferreira de Almeida (Edição revista e corrigida), Sociedades Bíblicas Unidas, 1968. (NT)

Igreja Velha, Amesterdão: terça-feira, 14 de janeiro de 1687

Previa-se que o funeral fosse uma cerimónia discreta, porque quem morreu não tinha amigos. Mas as palavras, em Amesterdão, são como a água, inundam-nos os ouvidos e propagam a podridão, e a ala leste da igreja está apinhada. Ela observa a cena da segurança do cadeiral, enquanto membros das guildas e respectivas mulheres se aproximam do túmulo aberto como formigas do mel. Em pouco tempo, juntam-se os funcionários da VOC e os capitães de navios, as regentes e os pasteleiros — e ele, ainda com aquele chapéu de aba larga na cabeça. Tenta ter pena dele. A pena, ao contrário do ódio, pode ser guardada numa caixa e arrumada num canto.

O teto pintado da igreja — a única coisa que os reformadores não deitaram abaixo — ergue-se sobre eles como o casco invertido de um navio magnificante. É um espelho da alma da cidade; pintado nas suas velhas vigas, Cristo julgador segura na espada e no lírio, um cargueiro dourado sulca as ondas, a Virgem descansa num quarto crescente. Abrindo a velha misericórdia ao seu lado, os dedos estremeçam-lhe sobre o provérbio de madeira saliente. É um relevo de um homem a defecar um saco de moedas, com um esgar de dor gravado no rosto. O que é que mudou?, interroga-se.

E no entanto.

Hoje, até os mortos comparecem, lajes tumulares escondendo corpo sobre corpo, ossos sobre pó, empilhados sob os pés dos enlutados. Por baixo daquele chão, há maxilares de mulheres, a pélvis de um mercador, as costelas vazias de um gordo magnata. Há pequenos cadáveres ali em baixo, alguns do tamanho de um

pão de mesa. Notando como as pessoas desviam o olhar de tão condensada tristeza, como se afastam da mais tímida lápide avisada, não se atreve a censurá-las.

No centro da multidão, a mulher espreita o motivo que a trouxe ali. A rapariga parece exausta, marcada pela dor, de pé junto a um buraco no chão. Mal repara nos cidadãos que vieram apenas para ver. Os farricocos sobem a nave, o esquife que trazem aos ombros equilibrado como se fosse o estojo de um alaúde. Pelos ares que se dão, dir-se-ia que alguns têm reservas a respeito daquele funeral. Deve ser obra de Pellicorne, imagina. O mesmo veneno de sempre vertido no ouvido.

Cortejos fúnebres como este costumam obedecer a uma ordem rígida, com os burgomestres em cima e o vulgo em baixo, mas, nesse dia, ninguém se importou com o protocolo. A mulher calcula que nunca tenha havido um cadáver como aquele nas casas de Deus existentes dentro dos limites da cidade. E agrada-lhe a sua rara qualidade de desafio. Fundada no risco, Amesterdão anseia agora pela certeza, por uma passagem limpa pela vida, velando o conforto do seu dinheiro com uma obediência prosaica. Eu devia ter partido antes do dia de hoje, pensa. A morte aproximou-se demasiado.

O círculo desfaz-se quando os farricocos abrem caminho para o interior. O caixão é descido no buraco sem cerimónias e a rapariga aproxima-se da sua beira. Lança um ramo de flores para a cova escura e, nesse momento, um estorninho bate as asas, elevando-se na parede caiada de branco da igreja. Cabeças viram-se, distraídas, mas ela nem sequer estremece, nem tão-pouco a mulher no cadeiral, ambas observando o arco de pétalas enquanto Pellicorne entoia a sua prece final.

Quando os farricocos deslizam a nova lápide para o seu lugar, uma criada ajoelha-se junto da escuridão que ali desaparece. Começa a soluçar e, como a rapariga, exausta, nada faz para travar aquela torrente de lágrimas, esta falta de dignidade e de disciplina é assinalada com uma interjeição de impaciência. Duas mulheres, vestindo seda, sussurram entre si perto do cadeiral.

— Foi este tipo de comportamento que nos trouxe até aqui — murmura uma delas.

— Se são assim em público, dentro de portas devem comportar-se como animais selvagens — replica a amiga.

— Verdade. Mas o que eu não daria para ser uma mosca naquelas paredes. *Bzz-bzz*.

Abafam um risinho e, no coro, a mulher repara que os nós dos seus dedos embranqueceram sobre a misericórdia moral.

Selado de novo o chão da igreja, o círculo desfaz-se, mortos ao largo. A rapariga, como uma santa de vitral caída da janela, cumprimenta os hipócritas que vieram sem convite. Esta gente começa a tagarelar assim que sai para as ruas sinuosas da cidade. No fim, seguem a jovem mulher e a sua criada, deslocando-se em silêncio, de braço dado, ao longo da nave e até à saída. A maior parte dos homens regressará às suas secretárias e balcões, porque manter Amesterdão à tona exige uma labuta constante. O trabalho árduo garantiu-nos a glória, lá diz o ditado — mas a preguiça far-nos-á escorregar de novo para o mar. E, nos dias que correm, as águas subindo parecem tão perto.

Assim que a igreja fica vazia, a mulher abandona o cadeiral. Acelera o passo, sem querer ser descoberta. *As coisas podem mudar*, declara, a voz ressoando, como um sopro, nas paredes. Quando encontra a lápide recém-colocada, constata que foi um trabalho feito à pressa, o granito ainda mais quente do que as outras pedras tumulares, as palavras esculpidas ainda cobertas de pó. Que tudo isto tenha, de facto, acontecido é algo de inacreditável.

Ajoelhando-se, enfia a mão no bolso para concluir aquilo que começou. Esta é a sua própria oração, uma casa em miniatura, tão pequena que lhe cabe na palma da mão. Nove divisões e cinco figuras humanas foram esculpidas no interior, o labor do artífice intrincadíssimo, feito à margem do tempo. Com cuidado, a mulher pousa esta oferenda onde desde sempre a quisera deixar, abençoando o granito frio com os seus dedos endurecidos.

Quando abre, com um empurrão, a porta da igreja, procura instintivamente o chapéu de aba larga, o manto de Pellicorne, as mulheres vestidas de seda. Todos desapareceram, e ela bem poderia ter ficado sozinha no mundo não fora o ruído do estorninho enclausurado. Chegou a hora de partir, mas, por instantes, a mulher

segura na porta para deixar o pássaro sair. Sentindo o seu esforço, ele voa, em vez disso, para trás do púlpito.

Ela fecha o interior fresco da igreja e vira-se de frente para o sol, partindo dos canais concêntricos na direção do mar. Estorninho, pensa, se julgas que esse edifício é o lugar mais seguro, não serei eu a pôr-te em liberdade.

PARTE UM

Meados de outubro, 1686
Canal Herengracht, Amsterdão

Não cobices os seus manjares gostosos,
porque *são* pão de mentiras.

Provérbios 23: 3

CAPÍTULO UM

DE FORA PARA DENTRO

À porta de casa do seu novo marido, Nella Oortman levanta e deixa cair a aldraba em forma de golfinho, envergonhada com o som da batida. Ninguém vem abrir, embora a sua chegada seja esperada. A data foi previamente combinada e cartas foram escritas, o papel da sua mãe tão fino em comparação com o dispendioso velino de Brandt. Não, pensa, esta não é a melhor das saudações, tendo em conta a apressada cerimónia de casamento no mês anterior — sem grinaldas, ou taça de esponsais, ou noite de núpcias. Pousa o seu pequeno baú e a gaiola do pássaro no degrau da entrada. Sabe que terá de alindar tudo isto mais tarde, para a família lá em casa, assim que conseguir chegar ao andar de cima, a um quarto, a uma secretária.

Quando o riso dos barqueiros se eleva sobre o edifício de tijolos em frente, ela vira-se para o canal. Um rapaz franzino lançou-se contra uma mulher e a sua cesta de peixe, e um arenque quase morto escorrega pelo regaço amplo da vendedeira. O grito áspero da sua voz de campónia irrita-a. *Idiota!*, *Idiota!*, grita a mulher. O rapaz é cego e atira-se para o chão às apalpadelas, à procura do arenque fugidio como se fosse um amuleto de prata, os seus dedos rápidos, sem medo de remexer a terra. Apanha-o, casquinando, e corre com o seu saque pelo canal acima, o braço livre solto e a postos.

Nella aplaude-o em silêncio e fica virada para aquele raro calor de outubro, a sorvê-lo enquanto pode. A esta parte do Herengracht chamam Curva Dourada, mas, hoje, o largo troço está castanho e pardo. Erguendo-se sobre o canal da cor da lama, o casario é uma visão. Como se admirassem a sua própria simetria refletida nas águas, as casas são majestosas e sublimes, joias do orgulho da cidade. Por cima dos telhados, a Natureza esforça-se por acompanhar, e as nuvens em tons de açafreão e alperce ecoam as glórias da República.

Nella vira-se de novo para a porta, agora entreaberta. Já estaria assim antes? Não tem a certeza. Empurra-a, espreitando para o vazio e sentindo uma aragem fria a levantar-se do chão de mármore.

— Johannes Brandt? — chama, numa voz alta, um pouco alarmada. Será uma brincadeira?, pensa. Ainda aqui estarei chegado o mês de janeiro. *Paebo*, o seu periquito, agita as extremidades das penas contra as grades da gaiola, o seu suave chilreio não chegando a tocar o mármore. Até o canal atrás deles, agora silencioso, parece suster a respiração.

Nella só tem uma certeza quando perscruta o interior sombrio. Está a ser observada. *Vamos, Nella Elisabeth*, diz a si própria, passando a soleira da porta. Irá o seu novo marido abraçá-la, dar-lhe um beijo, ou apertar-lhe a mão como se tudo aquilo não passasse de um negócio? Não fez nenhuma destas coisas na cerimónia, quando se achavam rodeados pela sua pequena família e nenhum membro da família dele.

Querendo mostrar que as raparigas do campo também têm boas maneiras, inclina-se e descalça os sapatos — finos, de couro, naturalmente o seu melhor par —, embora o propósito dessa escolha agora lhe escape. *Dignidade*, dissera-lhe a mãe, mas a dignidade é tão desconfortável. Bate com os sapatos no chão, esperando que o barulho acorde alguém — ou que os afugente, talvez. A mãe chama-lhe cabecinha sonhadora, a sua Nella-nas-nuvens. Mas os sapatos inertes jazem, em anticlímax, e ela apenas se sente tola.

Lá fora, duas mulheres chamam uma pela outra. Nella vira-se, mas, pela porta aberta, só vê as costas de uma figura sem touca, alta e de cabelos dourados, caminhando a passos largos na direção

da última réstia de sol. O seu cabelo também se soltou, durante a viagem desde Assendelft, a brisa ligeira fazendo com que algumas mechas se escapassem. Como voltar a enfiá-las no sítio a poria mais nervosa do que ela suportaria mostrar-se, prefere deixar que lhe façam cócegas no rosto.

— Vamos ter uma *menagerie*?

A voz viaja, firme e célere, da escuridão do átrio. E Nella arrepia-se, pois ver confirmadas as suas suspeitas não é um remédio para a pele de galinha. Um vulto desliza à sua frente, destacando-se da sombra, de mão estendida — em protesto ou saudação, é difícil perceber. É uma mulher, muito direita e magra, vestindo o preto mais profundo, a touca sobre o cabelo metida em goma e esticada em perfeita alvura. No seu caso, nem um fio se escapa, e traz com ela o mais ténue e estranho dos odores — a noz-moscada. Os seus olhos são cinzentos, a boca solene. Há quanto tempo estaria ali, a observar? *Peebo* chilreia perante a sua intervenção.

— Este é *Peebo* — diz Nella. — O meu periquito.

— Estou a ver — volve a desconhecida, olhando-a de cima para baixo. — Ou a ouvir. Suponho que não tenhas trazido mais nenhum animal?

— Tenho um cãozinho pequeno, mas ficou em casa...

— Ótimo. Ia sujar os quartos. Arranhar a madeira. Esses pequeninos são um maneirismo dos Franceses e dos Espanhóis — observa. — Tão frívolos como os seus donos.

— E são parecidos com os ratos — grita uma segunda voz algures no átrio.

A mulher franze o sobrolho, fechando os olhos por um breve instante, e Nella regista o gesto, perguntando-se quem mais estará a assistir àquela conversa. Devo ser uns dez anos mais nova do que ela, cogita, embora tenha uma pele muito sedosa. Quando a mulher passa à sua frente, na direção da ombreira da porta, há uma graça nos seus movimentos, consciente e não apologética. Ela lança um olhar breve e aprovador aos sapatos arrumados à porta e, depois, concentra-se na gaiola, cerrando os lábios. As penas de *Peebo* eriçam-se de medo.

Nella decide distraí-la, estendendo-lhe as mãos, em saudação, mas a mulher estremece com o toque.

— Ossos firmes, para uma rapariga de dezassete anos — comenta.

— Chamo-me Nella — replica, retirando a mão. — E tenho dezoito.

— Eu sei quem tu és.

— O meu verdadeiro nome é Petronella, mas toda a gente lá em casa me chama...

— Eu ouvi da primeira vez.

— A senhora é a governanta? — pergunta Nella. Um risinho mal abafado explode nas sombras do átrio. A mulher ignora-o, olhando para a rua, para o crepúsculo nacarado. — Johannes está aqui? Sou a sua nova mulher. — A mulher permanece em silêncio. — Assinámos o nosso contrato de casamento há um mês atrás, em Assendelft — persiste. Parece que não há mais nada a fazer a não ser persistir.

— O meu irmão não está em casa.

— O seu irmão?

Mais um risinho vindo da escuridão. A mulher olha-a nos olhos.

— Eu sou Marin Brandt — declara, como se ela já devesse ter percebido. O olhar de Marin até pode ser duro, mas Nella deteta-lhe uma ligeira imprecisão na voz. — Ele não está aqui — continua. — Pensámos que estaria. Mas não está.

— Onde é que ele está, então?

Marin torna a olhar lá para fora, na direcção do céu. A sua mão esquerda agita-se no ar e, das sombras em redor da escadaria, duas figuras emergem.

— Otto — diz ela.

Um homem aproxima-se e Nella engole em seco, pressionando os pés frios contra o chão.

A pele de Otto é escura, castanho-escura por toda a parte, o pescoço sobressaindo-lhe do colarinho e, das mangas, os pulsos e as mãos — toda ela, ininterrupta, uma pele castanho-escura. As maçãs do rosto salientes, o queixo, a testa larga, cada centímetro dessa pele. Nella nunca viu um homem assim em toda a sua vida.

Marin parece estar a observá-la, para ver o que ela vai fazer. O olhar nos olhos rasgados de Otto não faz caso do seu fascínio mal

disfarçado. Ele faz-lhe uma vénia e Nella inclina-se, mordendo o lábio até o sabor do sangue lhe lembrar que tem de ficar calma. Repara, então, que a pele dele brilha como uma noz polida, que o cabelo preto lhe brota firme do escalpe. É uma nuvem de lã macia, e não espalmada e gordurosa como o cabelo dos outros homens.

— Eu... — diz ela.

Peebo começa a chilrear. Otto estende as mãos, em cujas palmas largas descansa um par de tamancos³.

— Para os seus pés — diz-lhe.

O sotaque é de Amesterdão — mas ele enrola as palavras, tornando-as quentes e líquidas. Nella tira-lhe os tamancos das mãos e os seus dedos roçam a pele dele. Desajeitada, enfia os pés nos sapatos altos. Ficam-lhe grandes, mas não se atreve a dizê-lo. Pelo menos, permitem-lhe tirar as plantas dos pés do mármore gelado. Apertará mais tarde as correias de couro, no andar de cima — se alguma vez conseguir lá chegar, se alguma vez a deixarem passar daquele átrio de entrada.

— Otto é o criado pessoal do meu irmão — explica Marin, sem desviar os olhos de Nella. — E aqui está Cornelia, a nossa criada. Ela vai ocupar-se de ti.

Cornelia dá um passo em frente. É um pouco mais velha do que Nella, talvez tenha vinte, vinte e um anos — e ligeiramente mais alta. Fixa-a com um sorriso antipático, e os seus olhos azuis percorrem a mulher recém-casada, reparando no tremor das suas mãos. Nella sorri, picada pela curiosidade da criada, esforçando-se por articular alguma palavra oca de agradecimento. Sente-se meio grata, meio envergonhada, quando Marin a interrompe.

— Deixa-me mostrar-te o andar de cima — propõe. — Deves querer ver o teu quarto.

Nella aquiesce, e um brilho de divertimento acende-se nos olhos de Cornelia. Chilreios de alegria vindos da gaiola ecoam nas paredes altas, e Marin indica a Cornelia, com um sacudir de pulso, que o pássaro tem de ser levado para a cozinha.

³ No original, *pattem* (ver glossário final). (NT)

— Mas, os fumos dos cozinhados... — protesta Nella. Marin e Otto viram-se de novo para ela. — *Peabo* gosta de luz.

A criada pega na gaiola e começa a balançá-la como se fosse uma selha.

— Por favor, cuidado — diz-lhe Nella.

Marin olha de relance para Cornelia. Esta prossegue na direção da cozinha, acompanhada pela melodia tímida dos chilreios receosos de *Peabo*.

* * *

No andar de cima, Nella sente-se esmagada pela sumptuosidade do seu novo quarto. A cunhada mostra-se apenas desagradaada.

— Cornelia bordou demasiado — afirma. — Mas temos esperança de que Johannes só se case uma vez.

Há almofadas com iniciais, uma nova colcha e dois pares de cortinados recentemente renovados.

— A espessura do veludo é necessária para fazer face às neblinas do canal — observa Marin. — Este era o meu quarto — acrescenta, e aproxima-se da janela para contemplar as poucas estrelas que já despontam no céu, pousando a mão no parapeito. — Tem melhor vista, pelo que decidimos dar-to.

— Oh, não! — replica Nella. — Nesse caso, insisto que fiques com ele.

As duas mulheres olham uma para a outra, sufocadas pela profusão de labores, a abundância de linho carregado de *bês* de Brandt, cercados por espirais de parras, metidos em ninhos de pássaros, brotando de arranjos florais. Os *bês* engoliram o nome de solteira de Nella, com as suas barrigas gordas e proeminentes. Sentindo-se desconfortável, mas ciente do seu dever, passa um dedo por aquela opulência de fio que agora começa a oprimi-la.

— E a tua soberba e ancestral morada em Assendelft, é quente e seca? — pergunta Marin.

— Por vezes, é húmida — confessa Nella, baixando-se para ajustar os tamancos grandes amarrados de forma desconfortável

aos seus pés. — Os diques nem sempre funcionam. Não é soberba, ainda que...

— A nossa família pode não ter a vossa antiga ascendência, mas o que é isso perante uma casa quente, seca e bem construída? — interrompe Marin. A pergunta é retórica.

— Sem dúvida.

— *Afkomst seyt niet*. A linhagem não conta para nada — continua a cunhada, batendo num travesseiro para dar ênfase à palavra *nada*. — O Pastor Pellicorne disse-o no domingo passado, e eu escrevi-o na guarda da nossa Bíblia. Se não tivermos cuidado, as águas levantar-se-ão. — Por momentos, parece sacudir um pensamento. — A tua mãe escreveu-nos — acrescenta. — Insiste em pagar as despesas da viagem até aqui. Nunca o permitiríamos. Enviámos a nossa segunda melhor barca. Não ficaste ofendida, espero?

— Não. Não.

— Ótimo. A segunda melhor nesta casa ainda significa uma pintura recente e uma cabina forrada a seda de Bengala. Johannes tem usado a outra.

Nella interroga-se por onde andarás o marido, na sua melhor barca, que não regressou a tempo de recebê-la. Pensa em *Peabo*, sozinho na cozinha, perto do fogo, perto das caçarolas.

— Só têm dois criados? — pergunta.

— É o suficiente — replica Marin. — Somos mercadores, não ociosos. A Bíblia diz-nos que um homem nunca deve ostentar a sua riqueza.

— Não. Claro.

— Isto é, se lhe sobrar alguma para ostentar. — A cunhada prende-lhe o olhar, e Nella desvia o seu. A luz dentro do quarto começa a dissipar-se e Marin aproxima uma tocha das velas. São de sebo e baratas, quando Nella esperava as mais perfumadas, de cera de abelha. A escolha desta variedade fumarenta e a cheirar a carne surpreende-a. — Cornelia parece ter bordado o teu novo nome por toda a parte — observa Marin, por cima do ombro.

Com efeito, pensa Nella, lembrando-se do sinistro escrutínio da criada. Deve ter ficado com os dedos em sangue — e quem punirá por isso?

— Quando chega Johannes? Por que razão não está aqui? — pergunta.

— A tua mãe contou-nos que estavas ansiosa por começar a tua nova vida de mulher casada em Amesterdão — afirma Marin. — É verdade?

— É. Mas, para tal, é preciso um marido.

No silêncio gelado que se segue, Nella pergunta-se onde estará o marido de Marin. Talvez ela o tenha escondido na cave. Disfarça um impulso desesperado de rir sorrindo para um dos travesseiros.

— Está tudo tão bonito — diz. — Não era necessário.

— Foi Cornelia quem fez tudo. Eu não sou boa de mãos.

— Tenho a certeza de que isso não é verdade.

— Levei os meus quadros para baixo. Achei que estes talvez fossem mais do teu agrado. — Marin aponta para uma parede onde se vê um par de aves de caça pintadas a óleo, penduradas num gancho, uma amálgama de penas e garras. Mais além, o retrato de uma lebre dependurada, o troféu de um caçador. Ao lado, um monte de ostras empilhadas numa travessa de porcelana chinesa, atravessadas pela sombra de um copo de vinho derramado e por uma taça de fruta demasiado madura. Há qualquer coisa de perturbador naquelas ostras, na forma como expõem o seu interior. Na sua antiga morada, a mãe de Nella cobrira as paredes de paisagens e cenas bíblicas. — Estes pertencem ao meu irmão — observa Marin, apontando para uma jarra a transbordar de flores, de grande contraste, uso excessivo da cor, com metade de uma romã esquecida no fundo do quadro.

— Obrigada. — Nella pergunta-se quanto tempo levará a virá-los contra a parede antes de se ir deitar.

— Imagino que prefiras comer aqui em cima esta noite — diz a cunhada. — Viajaste durante horas.

— Sim, é verdade. Agradeço. — E estremece por dentro ao contemplar os bicos ensanguentados das aves, os seus olhos vidrados, a carne promissora abrindo-se em pregas. Ao olhar para eles, é tomada pelo desejo de uma coisa doce. — Por acaso têm algum maçapão?

— Não. O açúcar é... não é muito usado nesta casa. É um veneno para a alma.

— A minha mãe costumava moldá-lo em pequenas figuras. — Havia sempre maçapão na copa, a única predileção indulgente em que a Sr.^a Oortman ecoava o seu marido. Sereias, barcos e colares de joias doces, aquela espessa textura de amêndoa derretendo-se na boca. Já não pertença à minha mãe, pensa Nella. Um dia, moldarei figuras de açúcar para outras mãozinhas pegajosas, ao som de vozes a gritar por guloseimas.

— Vou pedir a Cornelia que te traga um pouco de *berenbrood* e de gouda — replica Marin, arrancando Nella ao seu devaneio. — E um copo de vinho do Reno.

— Obrigada. Fazes alguma ideia de quando chegará Johannes? Marin levanta o nariz.

— Que cheiro é *este*?

Instintivamente, as mãos de Nella voam-lhe na direção da clavícula.

— Vem de mim?

— Vem de ti?

— A minha mãe comprou-me um perfume. Óleo de Lírios. Foi isso que te cheirou?

Marin aquiesce.

— Foi, sim — responde. — Lírios. — Tossica ligeiramente. — Sabes o que dizem dos lírios.

— Não...?

— Cedo colhidos, cedo apodrecidos.

Dizendo isto, fecha a porta.